A RELATIVIDADE DO BEM

PARTE 1
OS IMORTAIS

2ª Edição

A.J.Pissuto

A.J.Pissuto

Copyright © 2009 by A.J.Pissuto
Copyright © 2011 by A.J.Pissuto
All Rights Reserved.

O texto contido neste documento é uma propriedade intelectual de seu autor e nenhuma parte do mesmo poderá ser modificada ou copiada, por qualquer meio gráfico ou eletrônico, sem a prévia autorização por escrito de seu autor. As ideais aqui colocadas não fazem referência a pessoas, nomes, alcunhas ou idéias proprietárias. Desta forma, qualquer semelhança com fatos ou pessoas tratar-se-á de mera coincidência.

A.J.Pissuto

Pissuto, A.J.

A Relatividade do Bem - Parte 1 - Os Imortais

Brasil - Santa Catarina : Florianópolis, 2011

Romance - Ficção

A Relatividade do Bem
Parte 1 - Os Imortais
Resumo

Muitas vezes nos perguntamos o que é ser bom e o que é ser mau. Em geral, aceitamos que o conceito de bom está associado àquele que faz o bem. Ai nos vem uma dúvida: mas, afinal, o que seria o bem? E, em contrapartida, o que seria o mal? Qual é a definição que damos para essas palavras?

A idéia deste livro é mostrar que esta definição é relativa; que ela está associada a cada particular pessoa; a cada um de nós. Desta forma, procurou-se mostrar o seguinte: aquilo que uma pessoa considera ser o bem pode não ser o que outra pessoa considere como tal. Existe uma discordância entre as pessoas para este conceito, ou seja, ele não é universal.

Muitos dos diálogos aqui apresentados carregam essas discordâncias. Em nenhum momento se pretendeu chegar a um consenso e muito menos a uma conclusão. Isto, com toda certeza, seria só a opinião do autor, uma defesa parcial do seu próprio conceito. São discussões que carregam algumas teorias, algumas emoções, algumas ironias e até mesmo sarcasmo e hipocrisia. São discussões que ocorreram e ocorrem no nosso dia a dia. A idéia, como já foi dito anteriormente, é mostrar que existe a discordância e não fixar um conceito particular.

A história fictícia gira em torno de um conjunto de pessoas que apresenta algumas características extraordinárias. Neste caso, a fantasia nos permite simular situações reais, onde alguns argumentos estão baseados somente em atributos sociais, tais como: posição social, cargo em empresas, nível de ensino, saldo da conta bancária e outras coisas assim. São argumentos com apelo à autoridade (*argumentum ad verecundiam* ou *argumentum magister dixit*) do tipo: eu sou seu chefe, ou eu sou seu professor, foi o "doutor" quem falou, e por isso mesmo sou eu que tenho razão. Mas a discussão deste tema não dá razão a ninguém, tenha o atributo que tiver.

Ah! Muita da fantasia aqui apresentada, ou daquilo que se considerou ser fantasia, também são proposições aceitas por alguns grupos

de pessoas que, desta forma, podem não concordar muito bem essa terminologia, acham que não é bem uma fantasia. Mas isto seria tema para outro tipo de discussão. Por enquanto, vamos considerar serem apenas fantasias, ou, pelo menos, eu vou considerar que o seja.

O Autor.

A.J.Pissuto

Capítulo I - Buscando o passado

A estrada estava simplesmente péssima; como se fosse possível chamar aquilo de estrada. Era só um caminho de terra batida, cercado de bambuzais por ambos os lados e com buracos relativamente profundos que apareciam a cada metro percorrido. O carro, um modelo já há muito ultrapassado, não se mostrava nada conveniente para a tarefa a que se propunham seus ocupantes. Além disto, fazia uma noite de profunda escuridão motivada, especialmente, por um céu carregado de nuvens e pela falta total de qualquer tipo de iluminação artificial. O ambiente era literalmente detestável: o calor insuportável; a escuridão completa; o ar seco e poeirento e, principalmente, os buracos.

-Ainda falta muito para chegarmos?

Walter surgiu com esta pergunta mais para afastar a idéia de desconforto, uma vez que não esperava qualquer previsão exata e, também, não acreditava muito que se pudesse chegar a qualquer lugar por aquele caminho.

-Sei lá! Pelos meus cálculos, são cerca de dois ou três quilômetros. Mas não tenho certeza.

Jaime respondeu secamente. Seus braços já estavam bastante doloridos em função das manobras que era obrigado a realizar por sobre os pequenos trechos planos, quase inexistentes, e que permitiam a passagem do carro por entre os buracos.

-Mas que idéia foi essa de vir passar nossa tão esperada semana de férias neste fim de mundo? Quando você falou em ir ao encontro da natureza não esperava por algo semelhante. Isto aqui mais parece uma rota para o Inferno, isto sim. Aonde vamos?

Walter insistiu com alguma irritação. Jaime tentou apaziguá-lo, mas com um sorriso irônico:

-Ora Walter, veja pelo lado positivo. Isto ainda podia ser pior.

Acrescentou esta última frase somente após alguns segundos, pois sua atenção na estrada era total.

-Pior! Pior! Mas pior que o quê, por exemplo? Agora só falta chover e a droga deste carro parar de novo.

A.J.PISSUTO

Walter expressava-se com evidente nervosismo. Cruzou os braços e virou a cabeça para a janela lateral, dispensando, desta forma, qualquer resposta por parte de Jaime.

A situação de fato já era horrível, mas, como que atendendo às sugestões do nervoso Walter, o carro começou a produzir uma tosse freqüente, uma coisa que já era bastante conhecida por seus ocupantes. Aquela poeira e aquele calor muito provavelmente haviam afetado seu antigo sistema de carburação, afinal, era um modelo bastante ultrapassado. O carro não andou mais de vinte metros, até que, finalmente, sem expressar qualquer sentimento de culpa, estancou à frente de uma pequena cratera. Jaime tentou ativar o motor de arranque por várias vezes seguidas sem qualquer sucesso, e um cheio forte de gasolina se fez sentir. Repentinamente, Jaime desistiu, abriu a porta e saiu do veículo. Esticou e balançou braços e pernas como se procurasse alívio para seus músculos doloridos e cansados.

-Eu e a minha boca! Eu e a minha boca! ...

Walter repetia isto continuadamente, como querendo se penitenciar por ter sugerido semelhante idéia na presença de um carro que, como ele mesmo dizia, tinha vontade própria. Ainda estava sentado no interior do veículo, de braços cruzados e virava a cabeça, que apresentava uma face super irritada, ora para a janela lateral e ora para frente do veículo. Ficou neste vai e vem por quase um minuto até que um vapor esbranquiçado começou a aparecer por sobre a tampa do motor. A visão daquela nebulosidade, através do reflexo provocado pela luz dos faróis por sobre os bambuzais, foi demais para Walter. De uma só arrancada, ele soltou o cinto de segurança e saiu do carro em estado desesperador. Parecia uma criança fugindo de uma surra a ser praticada por um padrasto furioso. Andava de costas olhando o tempo todo para frente do carro que, agora, emitia uma forte fumaça branca. Parou há uns quatro metros do carro e buscou por Jaime.

-Ei! O que está acontecendo nisto aí? Está percebendo o cheiro de gasolina? Caramba! Será que esta porcaria resolveu explodir?

Bateu logo em seguida com a mão na boca como que arrependido do que havia falado. Inconscientemente achava que suas fra-

ses estavam sendo ouvidas por alguma entidade responsável pela aplicação de suas sugestões.

-Sei lá! Parece que alguma coisa na parte elétrica entrou em pane. Acho que forcei a capacidade desta máquina idiota além do que era permitido Devia ter comprado um carro mais novo e mais adequado, ao invés de gastar meu pobre dinheirinho me aventurando por essas terras de maluco...

Respondeu Jaime olhando por sobre o veículo Interrompeu sua fala por alguns instantes e, em seguida, acrescentou:

-... e ainda mais com um azarado como você.

-Eu? Como assim eu? Eu estava indo muito bem até que o maluco idiota aí me convenceu a participar desta viagem...

Parou por um instante e aí continuou:

-Viagem? E desde quando isto aqui é uma viagem? Isto é um castigo por tudo que eu fiz de errado na minha vida. Isto é praga de algum cliente ou pior, isto é praga de mãe.

Walter continuou apresentando uma lista com todos os possíveis motivos físicos e metafísicos que podia imaginar. Parou quando notou o sorriso calmo de Jaime.

-Então isto tudo é uma piada! Nós estamos aqui em lugar nenhum, sem qualquer possibilidade de escapar desta situação, e você fica aí rindo. Qual é a graça que o palhaço aqui ainda não entendeu?

Às vezes, nesta nossa vida, acontecem coincidências que não conseguimos explicar e, nessas horas, nós atribuímos a responsabilidade dos efeitos às mais diversas causas. De qualquer maneira, alguns pingos de água, anunciando a chuva que daí a pouco iria desabar, atingiram o rosto de Walter. Em estado catatônico, calou-se e passou a admirar um ponto do céu, nada que fosse visível naquela escuridão. As gotas da chuva ficaram mais intensas, mas nada removia Walter daquela posição fixa.

A risada de Jaime se intensificava a medida que a chuva também ficava mais forte. As sugestões de Walter estavam sendo atendidas, e o seu tão permanente estado de culpa estava aflorando, sem qualquer transparência. A situação era mesma horrível, mas, para Jaime, o fato de Walter achar que a causa eram as besteiras e frases inconseqüentes

que vivia falando, isto sim era hilariante. Como é que alguém, com o nível de conhecimentos e, principalmente, com um nível de inteligência como os de Walter, podia pensar ser a origem de eventos tão sem controle e, além disto, ficar desesperado com os mesmos.

-Fica calmo aí! Vamos procurar algum lugar para nos abrigarmos da tempestade que vem por aí.

Falou ainda sorrindo para Walter, mas logo se arrependeu por usar uma palavra tão forte como tempestade. Depois continuou:

-Este carro, nesta estrada, não oferece qualquer tipo de segurança. Precisamos sair daqui e rápido.

Como que acordando de um sono profundo, Walter passou para o outro lado do carro e aproximou-se de Jaime. Este se enfiou pela porta ainda aberta e saiu de lá munido de uma lanterna, que arrancou do porta-luvas, e de uma pequena bolsa, feita de um plástico meio amarelado. Apagou as luzes do carro, passou a chave na porta, acendeu a lanterna e apontou seu facho de luz para um ponto qualquer logo à frente do veículo.

-Ei! Você vai deixar o carro aqui mesmo? -Perguntou Walter.

-Cara! Andar dentro disto aí ainda não foi suficiente? Agora você também quer levar o bagulho nas costas?

Jaime apresentou seu ponto de vista, bastante irônico, entre sorrisos e negativas com balanceios da cabeça. Depois continuou:

-Ah! Vamos logo embora daqui, antes que apareça alguém que nos obrigue a tirar esta merda da estrada.

Acrescentando isto, iniciou sua caminhada por aquela estrada desgraçada, seguido de perto por Walter, que quase grudava nele. Após cerca de quinze minutos de caminhada, e já bastante molhados, conseguiram divisar, através de uma pequena clareira entre os bambuzais, uma luz distante, cerca de dois quilômetros, a qual se podia atingir por uma trilha quase em linha reta, que saia da estrada em direção à luz.

-Vamos tentar por aqui, antes que nos afoguemos nesta droga de chuva.

Dito isto, Jaime empurrou Walter para a trilha e começaram a percorrer a mesma com a maior rapidez que lhes era possível. A estra-

da, cheia de buracos, exigia um cuidado extremo, qualquer passo em falso poder-se-ia quebrar uma perna. Mas, naquela trilha de terra batida e com pequenos pedregulhos a coisa era diferente, pois se podia até correr por ela. Porém, a chuva intensa caindo diretamente em seus rostos não lhes permitia uma visão clara à frente. A visibilidade de uma luz distante com toda aquela chuva era uma anormalidade que começou a se intrometer nos pensamentos de Jaime, mas não falou nada em função do aparente desespero de Walter.

Após mais meia hora de caminhada a luz já se mostrava a uma distância de duzentos metros. Ainda não se conseguia distinguir a origem da mesma, e, com extrema desconfiança, Jaime continuou, agora um pouco mais devagar, procurando, entre as riscas daquela chuva vertical, o que era o gerador daquela luz. O ar estava esquisito, carregado como diria Walter, pois não se sentia a menor brisa e ainda por cima estava bastante quente. Chuvas intensas eram coisas comuns naquela região, especialmente no verão, mas, historicamente, elas também eram acompanhadas de vento forte que, às vezes, provocava problemas, como a queda de árvores e de casas. Os noticiários sempre apresentavam alguns comentários sobre essas pequenas tragédias, mas os detalhes eram poucos, uma vez que economicamente eram locais de pouco interesse.

Finalmente, a uns vinte metros de distância, pode-se verificar a origem de todo o mistério. Tratava-se de um equipamento sinalizador, preso no topo de um poste alto, que emitia uma luz intensa, orientada para uma direção específica, mas, agora, espalhada pela chuva intensa. Jaime logo percebeu que aquela intensidade luminosa não poderia ser gerada por uma lâmpada comum, como as utilizadas normalmente em iluminação pública. Aquele emissor, com grande probabilidade, era baseado em algum processo *laser* que, para Jaime, era bastante conhecido. Mas o que fazia um emissor deste tipo naquele fim de mundo?

Os pensamentos de Jaime se precipitaram em um louco processamento de busca. O quê, quem, por que...? Enfim, qual era a explicação para aquele equipamento moderno de uso muito pouco comum naquele lugar? Para qualquer direção que se olhasse, só se viam as raias daquela chuva intensa. A luz da lanterna empunhada por Jai-

me era como uma vela acesa no centro de uma catedral antiga, apenas um valor simbólico sem qualquer finalidade prática.

Aos poucos, e entre as sombras adjacentes, Jaime percebeu que havia uma construção, cerca de dez metros de distância daquele poste. Apontou a lanterna para a direção da mesma e, sempre empurrando Walter, demasiadamente preocupado com a chuva, caminhou para aquela construção. Tratava-se de um cubo com paredes de concreto e, num dos lados, podia-se divisar uma porta metálica. Jaime aproximou-se da porta. Com a ponta do pé, empurrou a mesma com suavidade. A porta cedeu o suficiente para que percebessem um ambiente interno com iluminação artificial. Jaime forçou mais a porta e pode, enfim, verificar todo o espaço interior.

Era uma sala com mais ou menos cinqüenta metros quadrados, com paredes pintadas de branco, que possuía, preso ao teto, um conjunto de iluminação padrão com quatro lâmpadas fluorescentes. Não havia qualquer janela e, no fundo, à esquerda da porta, havia algumas ferramentas agrícolas encostadas na parede. À direita, havia uma mesa de refeição com alguns alimentos sobre a mesma e, junto a ela, quatro cadeiras rústicas. O restante da sala estava completamente vazio.

Jaime olhou para dentro da sala com desconfiança, como se aguardasse alguma surpresa. Walter não se preocupou muito e, empurrando Jaime para o lado, entrou rapidamente na sala. Jaime acompanhou seus passos, mas, antes disso, calçou cuidadosamente a porta com sua lanterna, como se alguma coisa pudesse acontecer caso a mesma fosse fechada.

Walter arrancou sua roupa ensopada ficando somente de cuecas. O calor era intenso e, desta forma, não havia qualquer reação ao frio ou mesmo sintomas de um resfriado emergente. Jaime também começou a se despir, mas continuava calado, olhando para todos os lados com bastante desconfiança. Após alguns minutos, Walter apresentou sua idéia da situação:

-Bem! Não dá para dizer que isto aqui seja um hotel cinco estrelas, mas, nessas condições tão malignas, o quê se poderia esperar de melhor? Um quarto sem janelas, o que deve ser ótimo para quem sofre

de claustrofobia e, além disto, já vem equipado com sauna seca e salão de refeições.

Olhava para todos os cantos daquele recinto e, logo em seguida, completou:

-Parece que o dono disto aqui é abstêmio. Não vejo nenhuma garrafa de champanhe francês para nos receber. Aquilo, em cima da mesa, devem ser uma moringa d'água e, do lado dela, uma garrafa térmica. Talvez tenha um pouco de café para a gente molhar a boca... Como se a chuva já não tivesse molhado o suficiente... -Concluiu.

Walter era assim mesmo. Quando começava seus monólogos, prosseguia interminavelmente sem esquecer qualquer detalhe. Este, talvez, foi o motivo que o fez abandonar seu trabalho numa empresa de computação, onde havia se destacado como um especialista de alto nível, por um lugar na equipe de vendedores de uma empresa de alimentos prontos. Gostava de falar e gostava das pessoas e, em contra partida, as pessoas também gostavam dele. O sujeito com trinta e dois anos e de cor negra era alto, tinha cerca de um metro e noventa de altura, com porte atlético e boa aparência geral, e sempre apresentava um sorriso franco e super branco. Era engenheiro eletrônico, formado há cerca de cinco anos, e, anteriormente, havia cursado dois anos de medicina. Coisas tão diferentes só aconteciam mesmo com Walter. Seu passatempo preferido era a leitura de uma literatura altamente técnica, cujo conteúdo, como ele mesmo dizia, era incompreensível para os próprios escritores, e, também, daqueles textos de uma literatura antiga que, segundo ironizava Jaime, foram escritos cem anos antes da criação do mundo.

Os alimentos que estavam sobre a mesa, pães de vários tipos, patês coloridos, como em um restaurante árabe, e azeitonas verdes super graúdas, foram consumidos em silêncio pelos dois amigos e num tempo razoavelmente curto. Afinal, já fazia bem seis horas ou mais que não comiam nada. A água daquela moringa era fresca e agradável ao paladar, apesar do calor que tudo envolvia. Depois da pequena refeição, tomaram parte do café que havia na garrafa térmica.

Provavelmente, tudo aquilo era de alguém que estava se preparando para jantar, quando aconteceu aquela chuvarada toda. E onde

estava esta pessoa? Se ela havia saído com aquela chuva forte, então era porque havia alguma outra construção por perto. E se esta pessoa resolvesse voltar? Como seria encarada a presença de dois malucos seminus comendo toda a sua comida? E se fosse uma mulher? Essas e muitas outras questões eram o pensamento constante de Jaime. Continuava calado meditando sobre a situação em que se encontrava. Walter interrompeu seu raciocínio:

-Cara! Tem um cigarro seco por aí? - perguntou Walter.

-Acho que tenho um ou dois maços naquela frasqueira.

Respondeu Jaime apontando para a pequena bolsa plástica que havia tirado do carro.

-Tenho mais dois pacotes no porta-malas daquele carro idiota. Também deve ter um isqueiro aí dentro. -Concluiu Jaime.

Ele estava muito preocupado para lançar fora outras palavras que viessem permitir o início de qualquer diálogo mais objetivo. Walter foi até a bolsa, apanhou o maço e o isqueiro, acendeu um cigarro e, em seguida, ofereceu o conjunto a Jaime, que acendeu outro para si. Ficaram ali, sentados à mesa, tragando aquela fumaça tranqüilizadora que, sabiam com certeza, fazia mal à saúde, mas o quê isto importava. Como dizia Jaime, quem fuma morre e quem não fuma também morre. Já haviam queimado quase metade daqueles pequenos cilindros brancos quando Walter, sério, fitou Jaime e iniciou seu interrogatório:

-Jaime! Diga uma coisa para mim. Afinal! Como é que você, uma pessoa das mais esclarecidas que eu já conheci, foi descobrir um parente seu nesta droga de região? Isto aqui está fora do mapa do mundo. E como foi que este seu parente, segundo você mesmo disse, pôde convidá-lo para vir até aqui? Aliás, que raio de parente é este? Um primo, um tio, um o quê? Eu acho que não existe correio e muito menos telefone nestas bandas. Como é que vocês se conheceram? Pelo que eu me lembro, e olhe que nos conhecemos há mais de dois anos, você nunca me falou de qualquer pessoa que o envolvesse com laços familiares. Eu até já achava que você veio de alguma chocadeira. -E, já meio impaciente, concluiu: - E então, você não vai falar nada?

Jaime se ajeitou melhor naquela cadeira que era, em condição normal, bastante desconfortável. Sua pele nua e úmida grudava com freqüência naquela madeira lisa e encerada. Olhou fixo para Walter, abaixou a cabeça por instantes, apagou o cigarro em um recipiente que considerou ser um cinzeiro e, voltando a olhar para Walter, iniciou:

-Bem! Acho que você já se envolveu demais e, agora, precisa ouvir algumas explicações. Vamos lá!

Falou isto exibindo aquele seu sorriso irônico, sua marca registrada. Walter, de imediato, comentou sua introdução:

-Uau! Isto até parece os romances de segunda classe que eu tenho lido ultimamente. Que maluquice é esta de envolvimento e explicações? Cara! Eu não estou pedindo você em casamento; só quero que fale alguma coisa a respeito desta sua aventura em que acabei me metendo. E isto por acreditar em pessoas de pouco juízo, tais como você. Afinal, dá pra falar normalmente? Vamos acabar logo com essa palhaçada, está bem?

Walter falava com raiva, e esperava por uma resposta conclusiva do tipo curta e grossa.

-Tudo bem! Então vamos falar normalmente, mas, para isto, faz-se necessário que você conheça uma história; é uma história que eu nunca contei a ninguém. Temos todo o tempo necessário e, acredite ou não, estamos em um lugar bastante adequado para isto. Então? Posso continuar?

Walter ficou olhando fixo para Jaime por alguns instantes e, após empurrar o corpo cansado contra a cadeira, assentiu com um gesto da cabeça.

-Essa história, começou faz mais de trinta anos, alguns antes de eu vir ao mundo. Duas pessoas se casaram e foram viver com o pai da moça. Após algum tempo, sem que qualquer filho se apresentasse, procuraram auxílio médico e acabaram descobrindo que um deles não podia gerar filhos. Até hoje não sei bem qual dos dois. Passado um tempo adotaram uma criança e, aí começou a minha história propriamente dita...

Walter, como retornando ao mundo, colocou-se em posição ereta com relação à cadeira que ocupava, e interrompeu Jaime:

-Como é que é? Espere aí! Você é adotado, é isto? Mas você nunca me falou nada disto antes!

-É! Eu fui adotado pelos meus pais, mas isto não tem importância alguma. Adorei a ambos durante toda a vida deles. É! Eles morreram há uns três anos.

Acendeu outro cigarro e continuou, parecia calmo:

-Bem! Durante a minha vida andei por todos os cantos desse mundo. E olha que não foi nada muito agradável, acredite em mim. Acho que nunca fiquei mais do que dois anos em um mesmo lugar. Sempre que encontrava um ambiente propício, amigos, colegas de escola,... Pronto! Já estávamos fazendo as malas e mudando de lugar. E cada lugar que você nem acreditaria. Nunca mais via meus antigos amigos e meus pais me proibiam qualquer tipo de contato; cartas, telefonemas, e coisas assim. Reiniciei meus estudos em tudo que foi lugar e tive que aprender as línguas e os dialetos mais estranhos para poder me comunicar com as pessoas. Mas, quando já estava me acostumando, de novo, fazíamos a mala e desembarcávamos em outro mundo.

Jaime parou por alguns instantes como que procurando o caminho perdido pela memória e foi o suficiente para Walter, meio boquiaberto, acrescentar:

-Ei! Mas isto que você está me contando é mais maluco que esta nossa viagem. Afinal de contas: quem é você? Um infeliz ou um gozador de primeira classe? Isto que você está falando não pode ser verdade. Ou será que é?

Jaime respirou fundo e continuou:

-Pode acreditar, é a mais pura das verdades. Eu fui esta criança viajante, até que completei dezesseis anos. Vivíamos em um lugarejo no México, perto da fronteira com os Estados Unidos. Foi quando fugi de casa na companhia de um circo. Fiquei com eles durante três anos e depois acabei fugindo de novo. Nesta época, havia me metido numa confusão com caras da pesada e a polícia do México andava atrás de mim. Como conhecia várias línguas e já era maior de idade, me empreguei como garçom em um barco de turistas e acabei retornando ao Brasil lá pelas bandas do nordeste. Então eu me envolvi com uma

mulher mais velha que acabou financiando a conclusão de meus estudos. Vivi com Mariana, este era o nome dela, por quase oito anos, até que ela morreu em um acidente. Era uma pessoa muito legal e me ensinou a ver a vida com outros olhos. Quando ela morreu, fiquei trancado dentro de casa por uns seis meses. Eu me sentia totalmente perdido sem ela. Fiquei muito confuso.

-Cacete! Isto aí é mais absurdo que eu imaginava! Você tem certeza que esta é mesma a sua história ou você está inventando uma para me deixar em estado de pânico? Quem é este cara com quem venho andando há dois anos?

-Pode acreditar! Esta história é verdadeira e eu sou o ator principal. Eu mesmo.

Jaime levantou-se e andou um pouco pela sala. Lá fora a chuva ficava mais forte. Os relâmpagos riscavam o céu ao longe. Começou um vento leve e agradável que, penetrando por aquela porta semiaberta, abaixou a temperatura ambiente em alguns milésimos de grau. Mas, por menor que o fosse, já era suficiente para se ter esperança de uma noite mais agradável. Jaime foi mais para perto da porta e seus pulmões procuraram o ar puro da parte externa. Aquele cubo fechado, sem janelas e com ar não renovável, era um convite para o mofo e outros fungos, mas, estranhamente, eles não se formavam lá dentro, ou, pelo menos, o cheiro característico não estava presente. Depois de alguns segundos, Jaime voltou para junto de Walter e perguntou:

-Então, posso continuar a minha história?

Walter assentiu com a cabeça e, logo em seguida, como que imitando os atos de Jaime, foi até junto da porta e aspirou o ar externo com muita vontade. Virado de costas para a porta abriu os braços em direção ao chão, inclinou ligeiramente o tronco e concluiu:

-Pois não sua majestade, o fugitivo. Estávamos trancados dentro de casa e...

-E aí eu resolvi que estava fazendo papel de palhaço, foi isto. Mariana sempre me mostrou o lado bom da vida e eu, pelo que parecia, não havia aprendido nada. Passei a mão em tudo que ela me deixou, e olha que não foi pouco não; vendi o que não podia carregar, abri uma conta no banco e me mandei para os lados do Rio de Janeiro.

Lá chegando, abri uma empresa de consultoria em informática e, como não tive muito sucesso, acabei fechando. Enviei currículo para várias empresas e acabei chegando a São Paulo onde tive a sorte, ou o maior azar do mundo, de lhe conhecer. Você foi o primeiro e único amigo que tive nos últimos dez anos.

Jaime falava isto com um sorriso no rosto, como sempre fazia. Walter retribuiu com aquele seu riso branco e largo que agradava a todos. E Jaime continuou:

-Bem! Aí as coisas começaram a acontecer de novo. Logo que cheguei, e numa dessas coincidências inexplicáveis, estava eu fazendo compras no centro da cidade quando dei de cara com meu pai adotivo. Primeiro ele me olhou como que aterrorizado. Não sei dizer por que, mas ele demorou um pouco para me reconhecer. A idade não o havia modificado muito e nem a mim e, desta forma, eu logo percebi quem estava ali ao meu lado. Quando ele se conscientizou de quem era eu... Ah! Meu querido amigo! Se eu fosse mais leve, ele me jogaria para cima, pois sua alegria era contagiante. Aí, de novo, como se uma bomba o tivesse atingido, ele ficou completamente parado e olhava para todos os lados, como se procurasse alguma coisa, como se procurasse por alguém. Segurou forte em meu pulso e me carregou apressadamente para o estacionamento, um desses prédios que empilham carros com a ajuda de um elevador. O tempo todo ele olhava para tudo que era lado.

Jaime parou seu monólogo por alguns instantes e Walter percebeu um brilho estranho em seus olhos que, vermelhos, já começavam a mostrar algumas lágrimas. Jaime continuou:

-Cara! Eu não sei dizer por que, mas o velho estava completamente assustado, estava apavorado, transtornado. Assim que chegou a seu carro, ele me empurrou para dentro e, rapidamente, me conduziu para a periferia da cidade. Fomos direto ao bairro do Ipiranga, lá perto do Museu da Independência. Entrou em uma casa, dessas que tem garagem automática, com aquelas portas que sobem e descem por controle remoto, e estacionou o carro lá dentro. Ainda calado, me puxou para fora do carro e me conduziu, através de uma escada helicoidal, para o primeiro andar. Foi onde encontrei novamente minha mãe

adotiva. Seu comportamento foi idêntico: pânico inicial, uma alegria infinita e depois aquela estranha preocupação de estar sendo observada. Questionei sobre este comportamento, mas eles diziam que era só a minha imaginação. Entretanto, não foram nada convincentes. Almocei com eles; conversamos bastante e, lá pelo final da tarde, fui embora prometendo que voltaria no dia seguinte. Em nenhum momento perguntaram sobre onde eu estava morando e nem mesmo o que eu fazia na vida.

-Caramba! Mas que coisa mais estranha. E você já sabe o porquê deste comportamento deles?

Perguntou Walter, que estava mais envolvido com a história. Tinha se sentado novamente e prestava muita atenção a cada palavra pronunciada por seu companheiro. Olhava meio de lado, desconfiado. E Jaime respondeu em seguida:

-Ainda não. Só naquele dia é que eu compreendi por que meus pais viviam mudando de endereço. Eu sempre achei que a causa era o serviço do meu pai. Sabe? Ele era vendedor de inseticidas agrícolas, algo parecido com o que você anda vendendo por aí. Mas, naquele momento, eu entendi que isto era só uma desculpa. Eles estavam mesmo é fugindo de alguma coisa que eu não sabia o que era. Aliás, eu ainda não sei o que era ou o que é. Como havia prometido, eu voltei lá no dia seguinte e encontrei a casa fechada. Voltei no outro dia e a mesma coisa. No quarto ou quinto dia, encontrei um vizinho, e ele me informou que ambos haviam sido hospitalizados. Informei-me melhor, corri ao hospital, mas já era tarde. O médico me informou que meu pai havia morrido de intoxicação alimentar e que minha mãe havia sofrido um infarto. Meu pai, antes de morrer, deixou instruções por escrito para que, caso viessem a falecer, fossem cremados. Desta forma, o hospital já havia providenciado tudo. Foram mais eficientes do que qualquer um podia esperar. Assim, a última vez que vi meus pais adotivos foi naquele encontro inesperado e naquelas condições estranhas.

-Mas que coisa horrível. Você tem vivido com isto por todo este tempo e nunca falou nada para mim. Sempre achei que você fosse o

cara mais feliz do mundo. Essas suas brincadeiras e este seu constante sorriso...

Walter parou de falar por um momento e, então, continuou:

-Ei! Você não é maluco? Ou é?

Jaime acabou rindo da pergunta de seu companheiro. Mas, entendendo o sentido da mesma, balançou a cabeça com agilidade e, sacudindo as mãos em negativa, disse em tom de pessoa ofendida:

-Por quem você me toma? Acha que eu iria cair na cadeira de algum psicólogo idiota, contar pro surdo-mudo uma história igual a esta e, além disto, ainda pagar uma fortuna pro cara decorar sua alcova? O maluco é você. Minha história é verdadeira e, até prova em contrário, nada disso tem afetado minha cabeça. Sofro com a situação, mas, *voila*, a vida continua. A vida no circo e Mariana me ajudaram a compreender que não existem situações desesperadoras e, isto sim, é a gente que se desespera perante os fatos.

-Está bem! Está bem! Não está mais aqui quem falou. Continue.

-Continuar...

Jaime, novamente introspectivo, buscava o ponto onde havia parado seu discurso. Em sua memória começava a se levantar um véu que, fazia algum tempo, e por sua escolha inconsciente, escondia seus anseios e temores.

-Bem! Não tem muito mais nessa história, mas, vejamos... Há cerca de quatro meses eu precisei de dinheiro para fechar aquela empresa que havia aberto no Rio de Janeiro, lembra? Cara! Eu não sabia que fechar uma empresa desse tanto trabalho e consumisse tanto dinheiro. Lembrei que meus pais adotivos tinham uma casa no Ipiranga e, como eu era o único filho e o único herdeiro, podia haver alguma coisa de valor que eu pudesse empenhar. Praticidade! Este é o nome da coisa! Desta forma, fui até lá e, depois de muito procurar, descobri que um dos vizinhos tinha ficado com as chaves. Fiquei uma semana dando muitas explicações a um monte de responsáveis por isto e por aquilo e tive até uma passagem pela polícia, pois pensavam que eu era algum ladrão, mas, finalmente, acabei tomando posse daquela propriedade. Como sempre, ninguém notou a minha falta lá no laboratório e

você também não, pois já estava vendendo, praqueles otários do interior, essa porcaria que chama de alimento.

Walter mostrou-se ofendido com as palavras do amigo, mas nada disse para não interromper a conclusão daquela história maluca. Jaime, aproveitando a deixa, inseriu uma nova variante na conversa:

-Mas, me diga aí você: por que abandonou o emprego no laboratório? Cara! Você tinha futuro lá e aquele seu projeto de um novo banco de dados nunca ficou esquecido. Parece que ninguém compreendeu os conceitos que estavam envolvidos naquilo. Ninguém sabe dizer de onde foi que você tirou tudo aquilo. Por que você perde seu tempo e seu futuro vendendo esta droga que chama de alimento? Quando é que vai assumir seu caminho?

Walter mostrou-se carrancudo e logo acrescentou:

-Eu já assumi meu caminho, fique tranqüilo. Agora, não mude de assunto não. Vamos continuar com essa sua história. Ela é mais interessante e, neste momento, é o único caminho que pretendo discutir.

-Esta bem! Então? Depois de entrar naquela casa, descobri que ninguém mais havia feito isto desde a morte de meus pais. Tudo estava no mesmo lugar e parecia que o tempo havia parado ali dentro. O tempo e a poeira. Depois de procurar em tudo que era lugar, acredite se quiser, descobri uma mala com dinheiro, mais do que suficiente para cobrir minhas dívidas. Eles eram bem estranhos mesmos. Eles juntavam dinheiro em casa; eles não tinham nenhuma conta bancária. Bem! E foi ai então que encontrei aquela carta esquisita.

-Opa! Espere aí! Mas que carta esquisita é esta?

Perguntou apressadamente Walter, que já se mostrava bastante ansioso. Jaime levantou-se e foi até a mala de plástico que havia tirado do carro. De lá retirou um envelope que entregou a Walter.

-Esta é a carta aqui! -Disse em seguida.

Walter apressou-se em abrir o envelope e tirar de lá uma folha de papel, uma folha de impressora automática que ainda apresentava aquelas laterais furadas, coisa comum neste tipo de formulário. O texto era bastante curto e, após uma primeira e rápida leitura, Walter iniciou uma segunda, então em viva voz:

"Sr. e Sra. Quintanilla
Finalmente, encontro vocês. Ainda procuro por meu filho e acho que vocês podem me ajudar e muito. Mandem notícias para o endereço abaixo com a maior brevidade. Agora, não perco mais vocês.

Francisco Almor"

-Mas... Mas o que isto quer dizer?

Para Walter parecia não haver qualquer ligação entre a carta e a história que Jaime estava contando. Queria uma resposta direta, mas, de preferência, não queria utilizar muito a sua inteligência. Queria uma confirmação de seu amigo. E esta veio em seguida:

-Mas, meu querido Walter! Não está claro para você? Quem é que pode ser o filho deste senhor Francisco Almor? Ah! Leia também o endereço aí no rodapé.

Então, feita a leitura e após algumas sinapses, que estavam dormentes em seu cérebro, terem sido acionadas, toda situação pareceu bastante clara para Walter e, não podendo se conter, concluiu a história que estava ouvindo até então:

-Já sei! Então você acha ser filho deste tal senhor Francisco Almor e me propôs esta maldita viagem de férias para acompanhá-lo na busca por seu pai verdadeiro. Por isto que estamos neste fim de mundo. Ah! Afinal temos uma explicação para...

Walter não continuou, pois percebeu que alguma coisa não se encaixava naquele contexto. Algo estava errado e, olhando fixamente para Jaime, ficou aguardando pela réplica à sua versão dos fatos. E esta veio mesma:

-É! É quase isto. Há cerca de um mês resolvi investigar melhor esta estória maluca. De novo, vendi tudo que tinha e apliquei a grana no banco. Comprei aquele carro velho, que, obviamente, não pretendo levar de volta, e estudei muito bem os mapas desta região, para ver como chegar até o endereço desta carta. Quero que você me desculpe,